

FACULDADE UNISOCIESC BLUMENAU

AMANDA SCOLARI LEITE

**Linguagem Cinematográfica: uma análise do filme
“Era Uma Vez... Em Hollywood”**

BLUMENAU

2021

AMANDA SCOLARI LEITE

**Linguagem cinematográfica: uma análise do filme
“Era Uma Vez... Em Hollywood”**

Artigo científico apresentado à Faculdade Unisociesc de Blumenau como parte dos requisitos para a conclusão do curso de graduação em Publicidade e Propaganda.
Orientadora: Marta Brod.

BLUMENAU

2021

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia, por processos fotocopiadores e outros meios eletrônicos.

Leite, Amanda

Linguagem cinematográfica: uma análise do filme “Era Uma Vez... Em Hollywood” / Amanda Scolari Leite. -- Blumenau, 2021.

Monografia (Publicidade e Propaganda) -- Faculdade Unisociesc Blumenau, 2021.

Orientadora: Prof^ª. Marta Brod.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo realizar a análise da linguagem cinematográfica de uma cena do filme “Era Uma Vez... Em Hollywood”, de Quentin Tarantino. A análise é construída a partir do método de pesquisa qualitativa, exploratória, com coleta de dados observatória. A observação das técnicas audiovisuais aplicadas na cena escolhida foram analisadas para que se possa compreender os motivos implícitos introduzidos em cada ação, desde os planos de câmera, até velocidade de cortes e etc. Com isso, ao fim deste estudo pode-se perceber a complexidade do universo audiovisual, combinado com a revelação de alguns significados de ações técnicas que foram aplicadas e também o quanto a identidade do diretor influencia na obra como um todo, principalmente quando o nível de profundidade da história é mais amplo, como este.

Palavras-chave: Linguagem Audiovisual. Linguagem Cinematográfica. Quentin Tarantino. Era Uma Vez Em Hollywood.

ABSTRACT

Cinematic language: an analysis of the film “Once Upon a Time ... In Hollywood”

This article aims to analyze the cinematographic language of a scene from the film “Once Upon a Time... In Hollywood”, by Quentin Tarantino. The analysis is constructed using the qualitative, exploratory research method, with observatory data collection. The observation of the audiovisual techniques applied in the chosen scene were analyzed in order to understand the implicit reasons introduced in each action, from the camera planes, to the speed of cuts and so on. Thus, at the end of this study, one can perceive the complexity of the audiovisual universe, combined with the revelation of some meanings of technical actions that have been applied and also how much the director's identity influences the work as a whole, especially when the level of Depth of the story is broader, like this.

Keywords: Audiovisual language. Cinematic Language. Quentin Tarantino. Once Upon a Time in Hollywood.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	REVISÃO DE LITERATURA	7
2.1	O CINEMA E A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA	7
2.2	O CINEMA DE QUENTIN TARANTINO E O FILME “ERA UMA VEZ... EM HOLLYWOOD”	10
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
4	ANÁLISE DE DADOS	14
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
	REFERÊNCIAS	19

1. INTRODUÇÃO

Com o objetivo de analisar a linguagem cinematográfica de uma das cenas do filme de Quentin Tarantino, “Era Uma Vez... Em Hollywood”, este estudo foi subdividido em capítulos. O presente capítulo contextualiza o tema proposto, nesta introdução.

Dentro do universo cinematográfico, o desenvolvimento de um filme vai muito além de uma boa história em questões técnicas. Tudo dentro da construção fílmica tem um significado e cada um deles agrega valor à obra como um todo. Contudo, muitas dessas riquezas de conceito acabam ficando implícitas. Com isso, após uma análise da linguagem utilizada na peça audiovisual, será possível compreender com mais profundidade e magnitude seu significado e propósito.

Quentin Tarantino tem uma forma singular de fazer cinema, sua obsessão pela sétima arte é explícita em tudo que faz, o que traz ainda mais significados e subjetividade para as obras. Sua assinatura cinematográfica é presente em cada uma delas e em “Era Uma Vez... Em Hollywood” não poderia ser diferente. O filme foi indicado a 10 Oscars e acabou ganhando dois, pelo design de produção e pela performance coadjuvante de Brad Pitt.

Tarantino já foi premiado com 2 Oscars de Melhor Roteiro durante sua carreira. Um pelo filme “Pulp Fiction – Tempo de Violência” (1994), e o outro pelo filme “Django Livre” (2013). Além disso, ele já recebeu três indicações de Melhor Diretor, pelos filmes “Pulp Fiction – Tempo de Violência” (1994), “Bastardos Inglórios” (2009) e “Django Livre” (2013).

Considerando, portanto, o objeto de estudo deste artigo, de grande relevância cinematográfica, uma cena do filme “Era Uma Vez... Em Hollywood” foi analisada, tendo por objetivo entender os significados de cada decisão tomada dentro da linguagem audiovisual. Cada movimento e ação dentro de uma peça audiovisual acompanha um motivo e um propósito, além de serem constituídas por diversas características técnicas. Assim, entre os tópicos a serem abordados estão os planos, ângulos e movimentos de câmera, cada um acompanhado de suas possíveis justificativas.

Com isso, o segundo capítulo apresenta a base científica, que pode ser chamada também de revisão de literatura, propondo uma conversa entre os autores. O terceiro capítulo expõe os procedimentos metodológicos, que embasaram a fase

empírica desta pesquisa. O quinto capítulo norteia os resultados e conclusões obtidos na análise observatória. E, para encerrar, as considerações finais apresentam a forma com que o objetivo da pesquisa foi alcançado.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O CINEMA E A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

A primeira exibição pública e comercial de um filme aconteceu em 28 de dezembro de 1885, pelos irmãos Lumière no “Grand Café” em Paris. A exibição foi muito simples, apenas imagens fotográficas em ação, sem narrativa alguma. A partir daí, filmes começaram a ser comercializados por toda a Europa. Mais tarde, em 1896, George Méliès produziu os primeiros filmes com narrativa de história de que se tem notícias (RODRIGUES, 2007).

A partir deste início, os filmes produzidos entre o final do século XIX e a primeira década do século XX foram nomeados como “primeiro cinema” ou “cinema dos primeiros tempos”. Neste tempo, entre 1894 e 1903, as produções de um ou dois minutos predominaram, sendo formadas, geralmente, por um único plano, como será abordado mais adiante (MORETTIN, 2009).

Segundo Rodrigues (2007) nesta jornada fílmica da história do cinema, foi-se encontrando formas e linguagens de expressão de acordo com as influências de cada época e cultura. Assim, formaram-se os movimentos do cinema. Entre eles, os primeiros e principais foram o expressionismo alemão (1919 à 1933), o neo-realismo italiano (1939 à 1945), a *nouvelle vague* francesa (1956 à 1963), o *free cinema* inglês (1940 à 1960), o novo cinema brasileiro (1955 à 1970) e o dogma 95 dinamarquês (1995 à 2005).

Cada movimento cinematográfico é formado por diversas características técnicas, que vão além de uma boa história. Segundo Nogueira (2010), visualizar significa transformar as ideias em imagens. Com isso, a planificação e a montagem são fundamentais e decisivas dentro da linguagem cinematográfica. O plano sempre apresenta uma justificativa, mesmo que não seja óbvia, e a montagem introduz na produção níveis de complexidade, que assim como a iluminação e as ações dos personagens, compõem as ideias e conceitos implícitos no filme.

A menor unidade de um roteiro técnico é chamada de plano. O que pode-se definir como a imagem captada entre dois cortes. O ângulo, a distância e a profundidade dessa imagem definirão que tipo de plano se trata. Um filme de ritmo normal, geralmente, contém entre 500 e 600 planos, e um de ação a partir de 900 (RODRIGUES, 2007).

Rodrigues (2007) também afirma que existem diversas nomenclaturas para definir os planos de câmera, sendo alguns citados abaixo. Cada autor utiliza os termos que mais se identifica, além disso existem diversos outros dentro do universo cinematográfico, planos mais específicos e menos utilizados.

- a) **Grande plano geral**, transmite ao espectador a visualização do local da cena. Este é um plano mais aberto e abrangente, em que a distância da câmera deve ser grande o suficiente para que seja impossível reconhecer uma pessoa, mas possa-se captar facilmente uma multidão. Além disso, pode ser utilizado para evidenciar a dimensão das coisas (PISANI, 2013).
- b) **Plano geral**, mostra a localização do local da ação, geralmente ambientes mais amplos, só que apresentando todos os elementos que fazem parte da cena, de forma abrangente, não dando destaque a nenhum deles (COSTA, 2014, apud XAVIER, 2008).
- c) **Plano geral aberto**, é utilizado para mostrar a locação em questão (RODRIGUES, 2007).
- d) **Plano geral fechado**, mostra a ação dos atores em relação ao ambiente em que a cena acontece (RODRIGUES, 2007).
- e) **Plano americano**, enquadra o personagem humano dos joelhos até a cabeça. (PISANI, 2013)
- f) **Plano médio**, é um dos planos mais comuns na televisão. Os personagens são enquadrados da cintura para cima, geralmente com a intenção de mostrar o movimento das mãos (RODRIGUES, 2007).
- g) **Primeiro plano**, o personagem é enquadrado do busto para cima, de forma a mostrar bem suas expressões, características, intenções e atitudes (RODRIGUES, 2007).
- h) **Primeiríssimo plano**, mostra o personagem do ombro para cima, enfatizando bem as expressões faciais e a carga dramática da cena (RODRIGUES, 2007).

- i) **Plano Detalhe**, isola partes do corpo ou objeto da ação, que possui valor dramático ou narrativo intenso na cena (PISANI, 2013).
- j) **Close**, é o plano que mostra do queixo até a testa do personagem, fazendo com que as expressões faciais demonstrem uma grande carga dramática e por vezes melancólica ou agonizante, transparecendo o máximo de realidade possível (PISANI, 2013).

Para a composição de uma cena existem milhares de recursos e técnicas que podem ser explorados, os planos são de extrema importância para definir o contexto da narrativa, e o nível da câmera também pode acrescentar significado à imagem. Um bom exemplo disso são as imagens inclinadas e angulares que eram populares em filmes *noir* com o objetivo de sugerir que o mundo estava perdendo o controle (HUNT, MARLAND E RAWLE, 2013).

Neste mesmo contexto de ângulos e níveis de câmera, Costa (2014) explica que na etapa de decupagem de um filme, existem três posicionamentos básicos de ângulos de câmera:

- a) **Altura normal**, posição em que a câmera capta o assunto da filmagem na altura dele. Se o assunto for um personagem, os olhos do ator estarão alinhados com a câmera;
- b) **Plongée**, palavra francesa que significa “mergulho”. A câmera é posicionada de cima para baixo, de forma a desvalorizar e desconstruir a importância do assunto ou personagem filmado;
- c) **Contra-plongée**, é praticamente o oposto de plongée. É o posicionamento da câmera de baixo para cima. De forma a engrandecer e atribuir valor ao assunto ou personagem filmado.

O movimento de câmera, por sua vez, nada mais é do que um plano em movimento. O **travelling**, por exemplo, que é o deslocamento lateral, surgiu de forma extremamente experimental em que se posicionava a câmera sobre a janela do passageiro de um veículo e captava as cenas com o carro em movimento. A sensação de velocidade obtida através deste método era surpreendente. Contudo,

hoje existem diversos equipamentos que possibilitam o mesmo efeito de “viagem”, câmera em movimento, de forma mais simples.

Outro dos principais movimentos é o **dolly**, que através de equipamentos especiais é muito utilizado para revelar detalhes de elementos ou personagens, na vertical.

Já o movimento **panorâmico**, é o deslocamento lateral ou horizontal da câmera em torno do próprio eixo, o que permite a expansão do campo de visão de forma rápida e eficaz, revelando toda a dimensão da imagem (PISANI, 2013).

Outra parte importante da linguagem cinematográfica é o roteiro, que, de acordo com Ramos (2000), pode ser chamado de matéria-prima, pois é a partir dele que a obra é criada e dirigida, servindo também como um guia durante toda a produção.

Rodrigues (2007) afirma também que construir um roteiro é como contar uma história através imagens, criando cada cena imaginada através de texto, para depois transformá-las em imagens reais. Assim, pode-se visualizar cada cena antes mesmo de serem produzidas. O roteiro dá o tom à trama, define as características e personalidades de cada personagem e guia a escolha das locações, ele é a base.

Dentre as diretrizes técnicas para a construção de um bom roteiro, é importante entender que esse processo deve ser bem pensado e feito com intensidade, um passo de cada vez. Primeiro é definido um tema, depois estrutura-se a ideia, em seguida definem-se os personagens, e a partir daí inicia-se a construção do primeiro ato e depois desenrola-se a história através do segundo e terceiro ato. Com isso observam-se seis etapas para a produção roteirística: a ideia, o conflito, os personagens, a estrutura dramática, o tempo dramático e a unidade dramática.

2.2 O CINEMA DE QUENTIN TARANTINO E O FILME “ERA UMA VEZ... EM HOLLYWOOD”

Dos casos de grandes diretores que nunca estudaram cinema formalmente, Quentin Tarantino é um dos maiores. Seu sucesso se desenvolveu através de seu próprio talento e das oportunidades que encontrou. Contudo, nunca chegou a se formar no colegial (SABBAGA, 2020).

Com nove filmes escritos e dirigidos por ele, Tarantino já foi indicado a Melhor Diretor três vezes na carreira, e por mais que ainda não tenha conquistado esta categoria, os filmes indicados ficaram marcados no mundo todo, são eles: “Pulp Fiction – Tempo de Violência” (1994), “Bastardos Inglórios” (2009) e “Django Livre” (2013) (SABBAGA, 2020).

Os filmes *exploitation*¹ dos anos 1950, 1960 e 1970 são uma grande influência nas obras de Tarantino, principalmente a fixação em atrair o público jovem, oferecendo mais sexo e violência do que as produções de Hollywood. Ele se identifica com a forma de fazer cinema da magnitude italiana, o que define muito sua forma de se posicionar diante do cinema e da cultura apesar de não usar como fonte de inspiração o neo-realismo italiano ou o cinema moderno dos anos 1960. (BAPTISTA, 2018).

Contudo, Tarantino admira e tem como referência também o cinema italiano de baixo orçamento, caracterizado pela violência e criminalidade, com poucas nuances culturais e objetivo essencialmente comercial. Além disso, Tarantino também tem fortes influências do cinema de crime francês, da nouvelle vague francesa e do cinema pós-moderno em suas obras. Seus filmes costumam apresentar planos de extensa duração, boa profundidade de campo e uma montagem mais lenta que a hollywoodiana (BAPTISTA, 2018).

Outra de suas principais marcas registradas é o uso de múltiplas referências cinematográficas em uma mesma obra, o que de acordo com Bardini (2019), chega a ser de difícil compreensão, ocasionalmente. Segundo o autor, devido ao extenso conhecimento e repertório da área que Tarantino possui, os seus filmes costumam esconder diversas referências e por vezes até homenagens e críticas a outras obras. Ele tem uma grande facilidade de trazer à memória, de forma atualizada e relevante, cenas e referências cinematográficas de décadas passadas. O que, por mais que às vezes dificulte a compreensão do telespectador, ainda assim é uma técnica louvável e muito difícil de reproduzir com maestria.

¹ *Exploitation* é a categoria de filmes que são produzidos sem preocupações artísticas e com orçamentos irrisórios, com o objetivo de lucro rápido.

Para entender de fato a essência da narrativa de Tarantino seria necessário se aprofundar em suas nove produções: “Cães de Aluguel” (1992), “Pulp Fiction – Tempo de Violência” (1994), “Jackie Brown” (1997), “Kill Bill – Volume 1” (2003), “Kill Bill – Volume 2” (2004), “Grindhouse: À Prova de Morte” (2007), “Bastardos Inglórios” (2009), “Django Livre” (2013) e “Era uma Vez... em Hollywood” (2019) (ORTEGAL, 2012). Contudo, este artigo estudará especificamente a linguagem cinematográfica de sua mais recente obra, “Era um Vez... em Hollywood” (2019).

O filme “Era uma Vez... em Hollywood” foi lançado em 2019 e narra a história do ator frustrado Rick Dalton, interpretado por Leonardo DiCaprio e de seu fiel dublê Cliff Booth, interpretado por Brad Pitt. O plano de fundo da narrativa evidencia os acontecimentos trágicos do verão de 1969, em que a Família Manson, através de uma série de assassinatos pela cidade, proclamou o fim do movimento “paz e amor”, em Los Angeles (BRIDI, 2020).

Segundo Avila (2020), Tarantino resgata através deste filme, personalidades e eventos que mudaram a forma de se fazer cinema em Hollywood. Utilizou de obras, acontecimentos e nomes reais do cinema, na construção de sua narrativa fictícia, o que pode ter criado uma certa dificuldade de compreensão aos telespectadores que não conheciam bem a história do cinema. Contudo, aos que conheciam, a obra se tornou um verdadeiro show de repertório. Entre as principais obras referenciadas no filme estão a série *Wanted: Dead or Alive* (1958-1961), o programa musical *Hulabaloo* (1965-1966), as séries *Lancer* (1968-1970), *Tarzan* (1966-1968), *The F.B.I.* (2018-2020) e *Besouro Verde* (1966-1967), e os filmes *O Bebê de Rosemary* (1969), *Arma Secreta Contra Matt Helm* (1968), *Fugindo do Inferno* (1963), *Uma Pistola para Ringo e Ringo Não Discute... Mata* (1965), *Bastardos Inglórios* (2009) e *Jackie Brown* (1998).

Conforme afirma Bridi (2020), em “Era Uma Vez em... Hollywood” Tarantino externou de uma forma nova e muito clara, sua obsessão pelo cinema desde o início do filme. Contudo, a produção foge do formato linear que o cineasta costumava usar em sua filmografia. Com diferentes linguagens dentro de cada cena, uma narração ocasional e a recorrente desconexão dentro da narrativa, o resultado final se torna um tanto confuso, porém não deixa de ser profundo e bem produzido.

Em síntese, conforme afirma Bridi (2020), “Era Uma Vez em... Hollywood” é mais do que uma carta de amor à indústria cinematográfica. Nesta obra Tarantino conseguiu criar quase três horas de filme sem deixar escapar o entretenimento contínuo. Além disso, a forma que ele usou “cinema para fazer cinema” foi espontânea e permitiu um diálogo com os telespectadores. Os personagens memoráveis e a construção e reconstrução de fantasia durante a narrativa expõem a complexidade técnica da obra.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo apresenta a análise cinematográfica de uma cena do filme “Era Uma Vez em... Hollywood”, sendo que o procedimento metodológico aplicado para o desenvolvimento deste estudo é o de pesquisa qualitativa, exploratória, com coleta de dados observatória.

Segundo Gil (2018), a pesquisa qualitativa deve procurar as informações faltantes dentro de um estudo, com o objetivo de responder às questões que se possuem. Para desenvolvê-la, usa-se de métodos e técnicas de investigação científica. Com isso, o presente artigo abordou razões de cunho observatório, buscando as respostas para alcançar melhor eficiência na análise.

Há muitas razões que determinam a realização de uma pesquisa. Podem, no entanto, ser classificadas em dois grandes grupos: razões de ordem intelectual e razões de ordem prática. As primeiras decorrem do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer. As últimas decorrem do desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz. (GIL, 2018, p. 5).

Ainda falando sobre a pesquisa qualitativa, há um certo equilíbrio e conexão entre o mundo real e o sujeito, que não poderiam ser traduzidos em números e estatísticas. Logo, o ambiente se torna a fonte principal e direta dos dados, e a interpretação e levantamento de significados são eleitos como a alma deste método. Além disso, este tipo de pesquisa não requer a comprovação de hipóteses, contudo, é interessante e completamente viável apresentar um quadro teórico que guie a coleta de dados, para depois servir de apoio na análise e interpretação deles também (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Prodanov e Freitas (2013) afirmam também que a pesquisa exploratória envolve, de forma geral, três etapas em sua construção, a primeira é o levantamento bibliográfico, a segunda são as entrevistas e a terceira, são as análises de exemplos, para melhorar o entendimento da pesquisa como um todo. Além disso, é possível optar por diversos ângulos e perspectivas durante este processo.

Já a coleta de dados por meio da observação, que é uma das mais utilizadas, propõe de fato uma observação do objeto de estudo para extração das informações. A coleta de dados por observação pode ser classificada por meio direto, em que é realizada diretamente pelo pesquisador, em tempo real e fisicamente. Ou por meio indireto, que é o adotado para o presente artigo, em que a observação desenvolve-se por meio de dispositivos eletrônicos, no caso capturado por equipamento fotográfico, e pode ser analisada posteriormente, sendo chamada também de assíncrona (APOLINÁRIO, 2016).

Apolinário (2016) sugere, ainda que a coleta de dados pode ser classificada também através dos métodos, sendo eles o de observação sistemática, em que, de antemão, o pesquisador já define o registro quantitativo de comportamentos que serão utilizados no estudo. E o de observação assistemática, em que os comportamentos são registrados sem o conhecimento prévio das informações relevantes. Além disso, a função do observador também é classificada, entre elas está a observação participante, em que o pesquisador interage com o sujeito enquanto o observa e registra seu comportamento, e a observação não participante, na qual o pesquisador não interage com o sujeito. O presente artigo utiliza da observação não participante, já que o sujeito deste estudo se trata de uma peça audiovisual.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A cena de “Era Uma Vez... em Hollywood”, a ser analisada neste estudo, acontece aos 1h28min37s. Ela narra o protagonista Rick Dalton (interpretado por Leonardo DiCaprio) que é ator, em um set de filmagem de faroeste, interpretando um personagem vilão e sequestrador. Durante sua performance, é construído um diálogo entre Rick, o sequestrador, Marabella, a garotinha sequestrada e Scott, o mensageiro, parente de Marabella, que foi enviado para resgatá-la. O personagem

que Rick interpreta deve passar a imagem de um maníaco, obcecado e descontrolado e para isso os recursos de jogo de câmeras utilizados tiveram que ser extremamente intencionais.

Na narrativa, Rick está interpretando este personagem maníaco, o que traz grande complexidade para a atuação. Em paralelo há uma grande expectativa sobre sua performance, da parte do diretor do filme, e principalmente de sua própria parte, já que seu desenvolvimento como ator sempre foi uma questão para si mesmo. Essa pressão sobre a performance de Rick norteia a forma como toda a narrativa da cena foi captada, o nervosismo que estava sentindo na gravação, o medo de errar, o medo de decepcionar seu chefe e a dúvida de sua capacidade como ator, tudo exigindo muita habilidade e conhecimento durante a produção. Isso porque, como afirma Pisani (2013), para expor tanta emoção através da câmera, é necessário usar de diversos recursos técnicos do audiovisual.

Contudo, apesar do grande paradoxo que se forma na situação de analisar uma cena cinematográfica que narra justamente outra cena cinematográfica, a riqueza de detalhes que é possível observar compensa toda a dificuldade da descrição. Esse é o motivo de essa ter sido a cena escolhida.

A cena em questão possui aproximadamente quatro minutos e apresenta uma média de 50 cortes, o que pode-se considerar um exagero, sendo que, com exceções, a média de duração de cada take é de 4,8 segundos. Segundo Nogueira (2010), o tempo de duração de cada imagem em um determinado plano carrega muito significado sobre a real intenção dela. Com muita ligação ao plano de câmera utilizado em cada corte, o autor afirma que os planos mais próximos captam melhor o conteúdo a ser mostrado e possibilitam uma velocidade mais rápida, já os mais abertos, mostram com menos precisão o conteúdo, então exigem uma velocidade mais lenta.

Com contexto de filmes de faroeste, violência, vida ou morte, recompensa e loucura, a cena foi construída com um grande jogo de câmera e cortes secos. Ao analisar a figura 1, o foco emotivo da cena fica evidente.

Figura 1 - Exemplo de montagem da cena



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Nogueira (2010) também afirma, que a sequência de planos próximos combinados com uma velocidade alta podem expressar a tensão e o dramatismo da cena. Percebe-se então que o objeto de estudo deste artigo se prova com grande carga dramática, até mesmo por conta de sua velocidade e quantidade de cortes.

A planificação é um grande fator de análise e geralmente traz consigo muita motivação e conceito implícitos no material. Neste caso, os planos utilizados reforçam muito a carga dramática de uma atuação, que por si só já expressa puro drama e tensão. Ou seja, mais uma vez percebe-se o exagero de Tarantino, como assinatura em sua obra.

Os principais planos utilizados nesta cena são o primeiro plano (Figura 2), que segundo Rodrigues (2007) mostra o personagem enquadrado do busto para cima, evidenciando bem suas expressões, características e intenções. O primeiríssimo plano (Figura 3) que, ainda de acordo com Rodrigues (2007), mostra o personagem do ombro para cima, enfatizando bem as expressões faciais e a carga dramática da cena, e o plano americano (Figura 4), que segundo Pisani (2013), enquadra o personagem dos joelhos até a cabeça.

Conforme pode-se visualizar através da figura 2, o primeiro plano explora as expressões dos personagens, captando seus movimentos. De forma estratégica, esses takes foram produzidos com o objetivo de passar ao telespectador a sensação de ação da cena, fazendo com que se sintam dentro dela.

Figura 2 - Primeiro plano



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Já o primeiríssimo plano (Figura 3) é o triunfo do filme que é objeto deste estudo, pois através dele é possível sentir toda a carga dramática presente na sequência. Mais uma vez, cria-se um grande paradoxo entre Rick Dalton, e o sequestrador, que ele interpreta. Neste caso, o plano em questão foi utilizado tanto para expressar a emoção de Rick em ter tido sucesso em sua performance, como para revelar a loucura do maníaco sequestrador.

Contudo, além da utilização de todas essas técnicas de corte, velocidade e planificação, Tarantino tem uma marca registrada: o jogo de profundidade de campo. Segundo Baptista (2018), Tarantino é mestre em usar esta técnica, combinada com a marcação de passagem de tempo, em suas narrativas. O que, por sinal, não poderia faltar nesta cena em específico.

Baptista (2010) afirma que a profundidade é aplicada para permitir a visualização dos objetos ou personagens do fundo, de forma discreta, porém nítida, geralmente com foco médio, para que seja possível observar os movimentos.

Nesta cena, a presença desse tipo de profundidade realça ainda mais os argumentos apresentados neste estudo, de que as técnicas fílmicas carregam grande potencial dramático e que cada uma delas representa um contexto cheio de significado para a composição final.

Figura 3 - Primeiríssimo plano



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Figura 4 - Plano americano



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Analisando o take posicionado à direita na figura 2, pode-se perceber que os personagens que aparecem no fundo, atrás do resgatador, estão assustados e concentrados na negociação que está acontecendo. Suas expressões estáticas e apreensivas carregam o momento de ainda mais tensão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi realizado com o objetivo de entender os motivos técnicos de cada movimento e ação dentro de uma peça audiovisual, para isso, foi-se analisada a cena do filme “Era Uma Vez... Em Hollywood”, de Quentin Tarantino.

A análise foca-se em diretrizes primordiais para a execução de uma produção como esta, tais como planos de câmeras, movimentos de câmera, velocidade de cena, profundidade de campo e etc. Pontuando os significados implícitos em cada uma dessas diretrizes, e aprofundando um pouco sobre cada uma delas, foi-se obtido algumas conclusões. Entre essas conclusões destaca-se que os planos de câmera utilizados são os principais responsáveis pela carga dramática da cena, a velocidade e quantidade dos cortes inserem ação, a profundidade de campo é um grande fator estratégico para mostrar algumas informações implícitas na narrativa e a identidade do diretor interfere completamente na forma com que ela se desenvolve.

Dessa forma, direcionando o olhar para o filme em questão, pode-se afirmar que Quentin Tarantino mais uma vez deixou sua marca registrada na obra. O estilo de captação e edição de cada cena, o roteiro, a montagem, a complexidade da narrativa, e a paixão pelo cinema, foram inseridos em toda a obra, de modo que fica impossível não identificar o criador. Contudo, apesar de este artigo ter se baseado em uma cena de uma peça audiovisual específica, os resultados obtidos através dele são adaptáveis para todo o universo cinematográfico.

Com isso, pode-se concluir que, de fato, a linguagem cinematográfica utilizada nessa produção foi analiticamente planejada e que cada ação técnica tomada trouxe consigo uma extensão da narrativa, com grandes significados.

REFERÊNCIAS

- APOLINÁRIO, F. **Metodologia Científica**. São Paulo: Cengage, 2016.
- ARAUJO, D. C. e SEVERO, L. F. Baixas luzes e grandes iluminações: a importância do Dogma 95 na consolidação do cinema digital. **Revista Temática**, p. 266-269, dezembro 2016.
- AVILA, G. **Era Uma Vez em...** Hollywood: as referências de cinema e TV no filme. 21 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/oscar/era-uma-vez-em-hollywood-referencias-cinema-tv#15>>. Acesso em: 24 out.2020.
- BAPTISTA, M. **O Cinema de Quentin Tarantino**. Campinas: Editora Papirus, 2018.
- BARDINI, J. **Da locadora a Hollywood**: o cinema de Quentin Tarantino. 12 ago 2019. Disponível em: <<https://cinemacomrapadura.com.br/colunas/555275/da-locadora-a-hollywood-o-cinema-de-quentin-tarantino/>>. Acesso em: 11 out. 2020.
- BRIDI, N. **Era uma Vez em... Hollywood**. 30 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/era-uma-vez-em-hollywood>>. Acesso em: 12 out. 2020
- COMPARATO, D. **Da Criação ao Roteiro**. 5.ed. São Paulo: Editora Summus, 2018.
- COSTA, E. S. Machinima: Uma relação entre hipermídia e cinema a partir da tipologia dos planos de câmera. **Repositório Institucional da UFSC**, p. 35-45, 2014.
- ERA Uma Vez Em Hollywood. Direção de Quentin Tarantino. Los Angeles: Sony Pictures, 2019. (160 min.)
- GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2018.
- HUNT, R. E. MARLAND, J. RAWLE, S. **A Linguagem do Cinema**. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- MELLO, C. A. de. Free Cinema: o elogio do homem comum. **Revista de Cultura Audiovisual**, p. 62-64, 23 junho 2008.
- MORETIN, E. Caderno de cinema do professor: dois, Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2009.<http://culturacurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/320090708123643caderno_cinema2_web.pdf#page=25> Acesso em 12 out. 2020.

NOGUEIRA, L. **Planificação e Montagem**. Covilhã: Editora LabCom Books, 2010.

OLIVEIRA, A. A. **Cópias em glória**: O cinema bastardo de Quentin Tarantino. Programa de Pós graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, p. 40-50, 2014.

ORTEGAL, E. **Quentin Tarantino ganha homenagem no Museu de Arte Moderna de NY**. 30 jul. 2012. Disponível em:
<<https://cinemacomrapadura.com.br/noticias/274237/quentin-tarantino-ganha-homenagem-no-museu-de-arte-moderna-de-ny/>>. Acesso em 11 out. 2020.

PISANI, M.M. A linguagem cinematográfica de planos e movimentos. **Revista UFABC**, p. 16-26, 2013.

PRODANOV, C.C. FREITAS, E.C. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013

RAMOS, F. P. Breve Panorama do Cinema Novo. **Revista Olhar**, p. 2-4, dezembro 2000.

RESENDE, A. C. DE F. Expressionismo Alemão no cinema atual: contexto histórico, artístico e influências. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, p. 20-21, 31 maio 2014.

RODRIGUES, C. **O Cinema e a Produção**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007.

SABBAGA, J. **Como começar a assistir Quentin Tarantino**. 22 abr. 2020. Disponível em:
<<https://www.omelete.com.br/filmes/quentin-tarantino-como-comecar#3>>. Acesso em 11 out. 2020

SOUSA, C. **Oscar 2020, Tudo sobre Era Uma Vez em... Hollywood**. 22 jan. 2020. <<https://www.omelete.com.br/oscar/oscar-2020-tudo-sobre-era-uma-vez-em-hollywod#16>>. Acesso em 12 out. 2020.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico: A opacidade e a transparência**, 4. ed. São Paulo. Editora Paz e Terra, 2008.